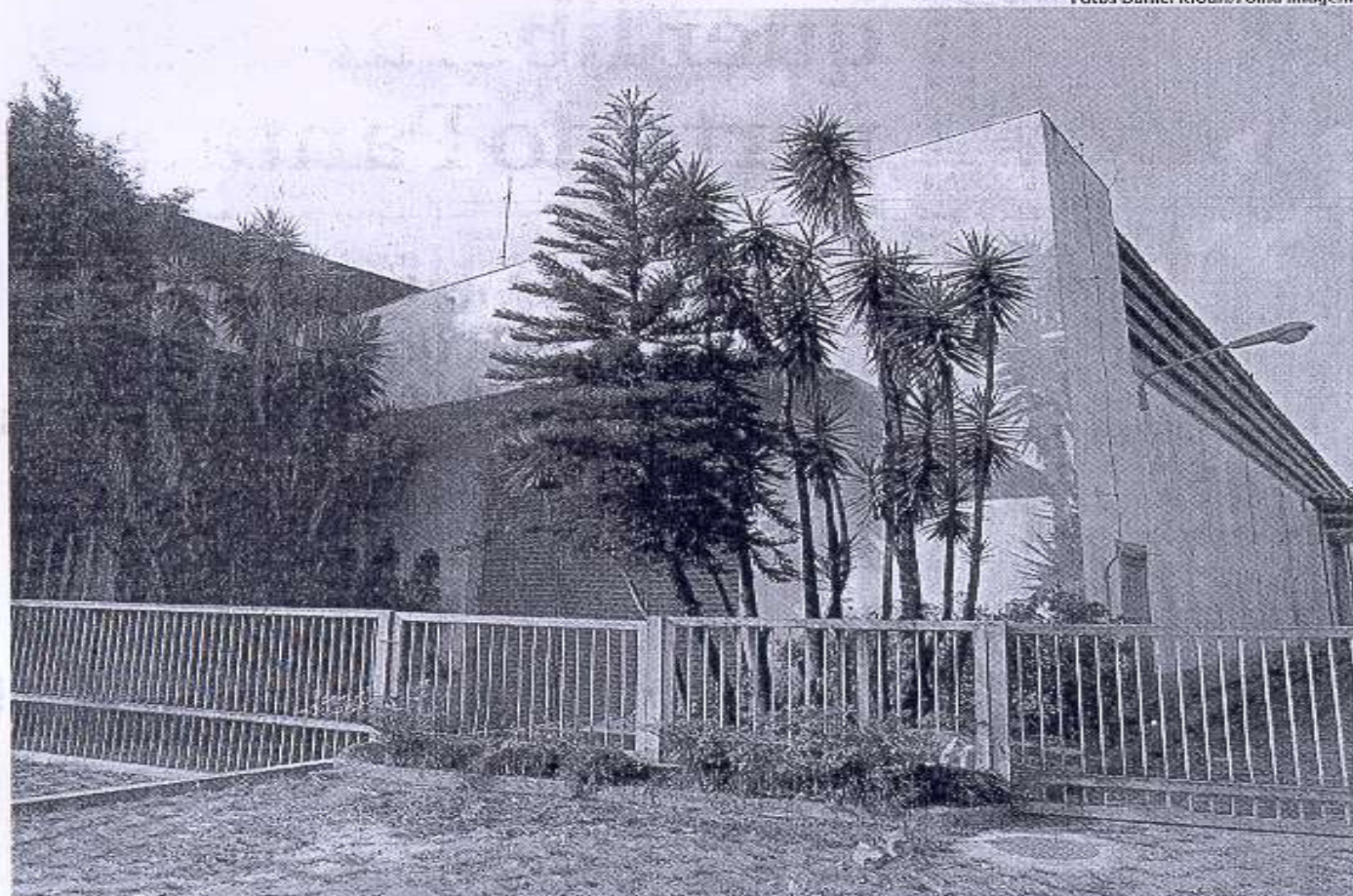


AMBIENTE DEGRADADO Documento aponta que concentraç

Laudos mostra alta conc

Fotos Daniel Kfoury/Folha Imagem



Galpão da Gillette, na zona sul paulistana, onde foi detectada contaminação por produtos tóxicos

CONTAMINAÇÃO NA ZONA SUL

Reprodução Google maps



Quais são as substâncias encontradas na área?

■ Diclroeteno, dicloroetano, tetracloroeteno, tricloroeteno e cloreto de vinila

100 m

é a profundidade dos poços artesanais de onde saíram as amostras de água

A análise da Cetesb detectou níveis muito acima do permitido em sete poços artesanais de seis empresas localizadas na região

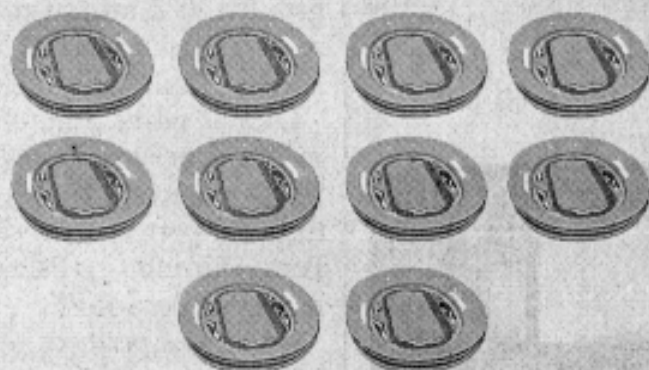
1 mg = 1.000 µg

	Limite de concentração das substâncias por litro de água*	Níveis encontrados
Cloreto de vinila	5 µg/l	234 µg/l
Diclroeteno	10 µg/l	16,2 µg/l

analisadas

A área atingida pela contaminação é de cerca de 1 km²,
mas pode ser ainda maior

A área afetada fica no entorno da av. Eusébio Stevaux
e é equivalente a dez estádios do Morumbi



*segundo o Ministério da Saúde

1,1 dicloroeteno	50 µg/l	58,2 µg/l
1,2 dicloroeteno	50 µg/l	3.340 µg/l
Tetracloroeteno	40 µg/l	775 µg/l
Tricloroeteno	70 µg/l	446 µg/l

Método de análise segundo EPA (Volatile Organics by
Gas Chromatography/Mass Spectrometry)

? Para que servem?

O dicloroetano é usado na síntese do cloreto de vinila e do dicloroeteno, que são substâncias usadas na fabricação de plásticos. O tricloroetano e o tetracloroetano têm, entre outros usos, o de clarear e lustrar metais

⚠ O que elas podem causar?

Todas elas têm potencial cancerígeno. No caso de exposição prolongada, podem causar dores de cabeça, alterações nervosas, no fígado e nos rins

Fontes: Cetesb, portaria 518/04 do Ministério da Saúde, HSDB (Hazardous Substances Data Bank)

Concentração de poluente

FERNANDA BASSETTE

DA REPORTAGEM LOCAL

Os resultados do laudo da Cetesb (agência ambiental paulista) feito em sete poços artesanais instalados na região de Santo Amaro, zona sul de São Paulo, apontaram que a concentração de cloreto de vinila equivale a 47 vezes o limite permitido pelo Ministério da Saúde. O composto, utilizado na fabricação de plástico, é o mais tóxico de todos os encontrados.

Parte do aquífero (reservatório de água subterrânea) da região, entre as pontes Interlagos e do Socorro, está contaminado com solventes clorados, substâncias utilizadas na fabricação de plástico e também para lustrar metais.

O problema foi descoberto depois que a Gillette do Brasil realizar um levantamento ambiental da área —que adquiriu da Duracell em 1996— e identificou a contaminação do solo e da água.

Segundo o laudo da Cetesb obtido pela *Folha*, os principais solventes são cloreto de vinila, dicloroetano, dicloroeteno, tetracloreto e tricloroeteno, produtos tóxicos. A exposição prolongada a essas substâncias pode causar da-

nos aos rins, fígado e sistema nervoso central, além de todos serem potencialmente cancerígenos.

Em uma das empresas com poços analisados, a concentração de cloreto de vinila equivale a 46,8 vezes o padrão permitido. A concentração que não traz risco à saúde é de até 5 microgramas por litro —a análise indicou 234 μ g/l.

“O cloreto de vinila é o composto mais tóxico identificado. Está com padrões muito acima do permitido e isso indica que realmente há uma contaminação forte no local. Esse é um problema grave e a recomendação é que as pessoas que utilizam água de poço peçam uma análise química para saber de não há a presença desses contaminantes”, diz Neusa Akemi Niwa-Beserra, gerente do setor de química orgânica da Cetesb e responsável pelo laudo.

A concentração de tetracloreto na água dos poços também está muito além dos limites autorizados. Em um dos casos, o composto representava 19 vezes os padrões preconizados. O permitido é até 40 μ g/l —mas foram identificados 775 μ g/l.

Outro fator que chamou atenção de Neusa foi a alta concentra-

ção de CIS-1,2-dicloroeteno, composto que nem sequer tem limites de concentração na água definidos na legislação brasileira. A Cetesb utiliza os padrões da OMS (Organização Mundial da Saúde), que prevê 50 μ g/l. Em um dos poços, havia 3.334 μ g/l do composto, que é menos agressivo que o cloreto de vinila.

Ronald Pereira Magalhães, gerente da agência da Cetesb em Santo Amaro, diz que ainda não é possível saber a origem e a extensão da contaminação, que ele acredita estar concentrada no local. “Isso não significa que o aquífero todo esteja contaminado.”

Segundo o médico toxicologista Eduardo Mello de Capitani, coordenador do Centro de Controle de Intoxicação da Unicamp, os efeitos dos solventes clorados no organismo dependem do tempo de exposição e da concentração que foi absorvida. “São compostos facilmente absorvíveis. Se pessoas estão consumindo essa água, elas podem sofrer problemas a longo prazo”, afirmou o médico.

Neusa confirma. “Pior que beber é tomar banho diariamente com essa água. Os solventes penetram facilmente na pele”, afirma.

Área industrial é cercada por casas

DA REPORTAGEM LOCAL

Apesar de os poços artesanais com água contaminada com solventes clorados tóxicos estarem instalados em uma área considerada industrial na região de Santo Amaro, há cerca de 600 metros do local existe um bairro exclusivamente residencial.

Na rua Eusébio Stevaux, onde foi identificado o problema pela empresa Gillette do Brasil, há vários prédios industriais. No final da rua, no entanto, a poucos metros da empresa há um edifício re-



anos. Segundo o porteiro do prédio, a água é fornecida pela Sabesp (Companhia de Saneamento Básico de São Paulo) e não por meio de poços artesianos.

O bolsão residencial Jardim Campo Grande, por exemplo, formado principalmente por casas de médio e alto padrão, fica bem atrás da região onde ficou comprovada a contaminação da água subterrânea.

A aposentada Teresa Kiss, 56, mora no bairro há cerca de 20 anos. Ela conta que, ao mudar-se para o local, ainda não havia distribuição de água pela Sabesp e, por isso, as casas dependiam exclusivamente da água de poços.

“Conseguíamos água cavando poços de três, quatro metros de profundidade. Pedi uma análise para o Instituto Adolfo Lutz e a água era imprópria para consumo. Passei um bom período com-



Teresa Kiss e Nurimar Martins moram perto da área contaminada

prando água para abastecer a casa”, diz a moradora.

Sua vizinha, a aposentada Nurimar Miliari Martins, 61, que mora no bairro há 30 anos, também dependeu de água de poço por aproximadamente quatro anos. “Essa era a única alternativa para os moradores daqui”, conta.

Nurimar disse ainda que, assim que a Sabesp disponibilizou a rede de água na região, aterrou o poço que existia em sua casa. “Água de poço sempre foi muito duvidosa. Agora é mais ainda.”

A confirmação da contaminação da água subterrânea na região

surpreendeu as moradoras. “Se a contaminação fosse apenas na água superficial a gente até ficaria mais tranqüila, mas, se atingiu poços artesianos, é porque é muito profundo e isso é preocupante”, afirma Teresa.

Já o industrial Victor Pedote, 54, que mora no bolsão residencial há 27 anos, disse não estar preocupado com a contaminação da água subterrânea, apesar de morar praticamente ao lado da área em questão. “Utilizo água da Sabesp há muito tempo e, por isso, não tenho motivo para me preocupar com a água de poço.”